

# Olga Kern

piano

23 nov 2024 · 18:00 Sala Suggia

CICLO PIANO



casa da música

PATROCINADOR



MECENAS



A CASA DA MÚSICA É MEMBRO DE



1ª PARTE

**Ludwig van Beethoven**

*Variações sobre o tema “La stessa, la stessissima”, de Salieri (1799; c.10min)*

Tema — Variações 1 a 10 — Coda

**Robert Schumann**

*Carnaval, op. 9 (1834-35; c.28min)*

1. Prêambule
2. Pierrot
3. Arlequin
4. Valse noble
5. Eusebius
6. Florestan
7. Coquette
8. Réplique
9. Papillons
10. Lettres dansantes
11. Chiarina
12. Chopin
13. Estrella
14. Reconnaissance
15. Pantalon et Colombine
16. Valse allemande
17. Paganini
18. Aveu
19. Promenade
20. Pause
21. Marche des Davidsbündler contre les Philistins

**George Gershwin**

*Três Prelúdios (1926; c.5min)*

1. Allegro ben ritmato e deciso
2. Andante con moto e poco rubato
3. Allegro ben ritmato e deciso

**George Gershwin/Earl Wild**

*Estudo virtuoso n.º 7, sobre “Fascinatin’ Rhythm” (1924/1955-76; c.2min)*

2ª PARTE

**Sergei Rachmaninoff**

*Três Peças (1896/1911/1892; c.11min)*

*Moment musical em Mi menor, op. 16 n.º 4*

*Étude-Tableau em Sol menor, op. 33 n.º 8*

*Polichinelle, op. 3 n.º 4*

*Variações sobre um tema de Corelli, op. 42*

(1931; c.20min)

Tema — Variações 1 a 13 — Intermezzo —

Variações 14 a 20 — Coda

**Modest Mussorgski/Rachmaninoff**

*Hopak (1866/1924; c.2min)*

**Mili Balakirev**

*Islamey, fantasia oriental*

(1869, rev.1902; c.8min)

Num programa de grande eclectismo de estéticas, épocas e proveniências geográficas, emerge a transversalidade do piano na biografia e obra de todos os compositores.

Nos seus primeiros anos vienenses, **Ludwig van Beethoven** (Bona, 1770 — Viena, 1827) afirmou-se sobretudo como pianista e improvisador, compondo ainda danças, marchas patrióticas, árias de Singspiel e outras peças de carácter popular. As dez **Variações** (WoO 73) partem do conhecido dueto “La Stessa, la stessissima”, da ópera *Falstaff* de Antonio Salieri, estreada em 1799 no Theater am Kärntnertor. No jornal *Allgemeine musikalische Zeitung* bradavam-se então elogios à capacidade de Beethoven para compor variações, género muito em voga e onde podia explorar os seus dotes de improvisação. Na verdade, escreveu vinte conjuntos deste género ao longo de mais de quatro décadas: das *Variações Dressler* (WoO 63), aos 12 anos, até às *Variações Diabelli* (op. 120), de 1823.

As *Variações sobre o tema “La Stessa, la stessissima”* assentam na tonalidade de Si bemol maior e num estilo jocoso, irónico, divertido. A primeira variação configura-se como uma espécie de passeio sobre um tema ligeiro que estabelece o tom para as seguintes secções. A quinta diverge para uma sonoridade sombria em tonalidade menor e a seguinte retoma o carácter inicial, desta feita com um episódio em fuga que segue por entre escalas e arpejos. A oitava, de grande delicadeza, antecede as variações finais, onde uma demonstração de virtuosismo (na décima variação) desemboca numa coda com mudanças de carácter, muito ao espírito da época.

No ano de 1834, **Robert Schumann** (Zwickau, 1810 — Eendenich, 1856) encontrava-se particularmente empenhado na *Neue Zeitschrift für Musik*, revista de que seria editor durante largos anos e onde pôde apresentar as suas reflexões, críticas musicais e concepções estéticas, em linha com o pensamento romântico emergente. Estudante de Direito em Leipzig, fascinado tanto por música como por literatura, e aluno de Friedrich Wieck (pai da sua futura esposa, a pianista Clara Wieck), na década de 1830 compôs sobretudo para piano. Gorada a intenção de desenvolver uma série de variações sobre a *Trauerwalzer (Sehnsuchts)*, op. 9/2, de Schubert, colheria daqui o material musical para o “Préambule” do seu op. 9. O título **Carnaval: scènes mignonnes sur quatre notes** traduz um programa descritivo destas “pequenas cenas”: 21 miniaturas, cheias de referências literárias e extramusicais, que incluem situações, ambientes e danças, bem como retratos musicais de personagens reais e imaginárias que se passeiam num baile de máscaras. Escritas entre 1834 e 1835, estas peças de carácter estão ligadas por um motivo recorrente de quatro notas (lá, mi bemol, dó, si) que, em alemão, são notadas como A, Es, C, H, gerando criptogramas musicais a que Schumann atribui diversas alusões: à cidade de Asch, de onde provinha Ernestine von Fricken, a sua amada à época; à pós-carnavalesca Quarta-Feira de Cinzas; a “Fasching”, palavra germânica associada ao Carnaval; ou ao seu próprio apelido. Os motivos lá bemol, dó, si (As-C-H) ou mi bemol, dó, si, lá (Es-C-H-A) integram igualmente este jogo de significantes e significados.

O “Préambule” remete-nos para a entrada no salão de baile, com uma fanfarrina de abertura que inclui animados fragmentos de valsa. A representação serena de “Pierrot” precede o cómico saltitar acrobático de “Arlequin”.

A graciosidade em andamento *un poco maestoso* da “Valse noble” antecede o langor calmo de “Eusebius” e o arrebatamento impetuoso de “Florestan”, em que Schumann cita o tema da valsa principal do seu op. 2, *Papillons*. A representação de um momento de sedução e diversão, em “Coquette”, é correspondida por uma “Réplique”. Borboletas (“Papillons”) dançam pela sala e, na sua continuidade, as “Lettres dansantes” (A.S.C.H.S. — C.H.A.) prosseguem até à romântica e envolvente “Chiarina”. Segue-se a arpejada escrita idiomática de “Chopin” e a entrada de Ernestine (“Estrella”), num ritmo ternário que nos devolve ao baile carnavalesco e ao entusiasmo do reconhecimento do amor (“Reconnaissance”). “Pantalon et Colombine” retomam o burlesco tom da *commedia dell’arte* com que contrastará a “Valse allemande”, entrecortada por um “Intermezzo: Presto”, uma alusão à música de “Paganini”. No decorrer da festa, uma doce confissão amorosa (“Aveu”) antecede um passeio *con moto* (“Promenade”) e uma “Pause” à dança que, na verdade, funciona como uma introdução à “Marche des Davidsbündler contre les Philistins”. Começando com uma marcha heróica, em métrica ternária, aqui encontramos uma série de alusões a secções anteriores e a uma dança tradicional, a *Großvateranz*, que Schumann assinala na partitura como um “tema do século XVII” e que representa os seus contemporâneos “filisteus” — que tanto critica por não acompanharem o avanço dos tempos. O baile termina com temas do preâmbulo inicial: triunfante.

Em 1926, ano da estreia dos *Três Prelúdios*, **George Gershwin** (Brooklyn, 1898 — Hollywood, 1937) era já um compositor reconhecido internacionalmente — muito graças ao sucesso da *Rhapsody in Blue*, estreada dois anos antes, bem como das suas muitas canções e musicais para a Broadway. Tendo inicialmente planeado compor uma série de 24 prelúdios nas diversas tonalidades, na linhagem de Bach ou Chopin, acabaria por completar somente seis e publicar três. Dedicados ao seu amigo e conselheiro Bill Daly (também pianista, compositor, maestro), foram estreados em Nova Iorque, no Hotel Roosevelt, com o próprio Gershwin ao piano.

O estilo deste compositor emblemático de uma “América” que se ia afirmando, cada vez mais, também no plano cultural combina a música da tradição erudita com a novidade sonora, rítmica e harmónica do *ragtime*, do *blues* e do *jazz*, numa síntese que se caracteriza por ritmos sincopados ou pela dualidade entre os modos maior e menor, bem presentes nos *Três Prelúdios*.

O Prelúdio I (Si bemol maior), “Allegro ben ritmato e deciso”, tem início com um tema jazzístico de cinco notas que será relevante em toda a peça, prosseguindo em ritmos sincopados e momentos de virtuosismo pianístico. O Prelúdio II (Dó sustenido menor), “Andante con moto e poco rubato”, assenta numa linha de baixo que suporta harmonias e melodias em terceiras, com recorrência da sensível e de progressões harmónicas algo melancólicas. O próprio Gershwin ter-se-ia referido a esta peça como “uma espécie de canção de embalar em *blues*”. Finalmente, o Prelúdio III (Mi bemol maior), “Allegro ben ritmato e deciso”, parte de uma conversação entre dois temas que, após uma secção sincopada, retornam em oitavas, numa alternância entre os modos maior e menor.

A peça *Fascinatin' Rhythm* (1924) foi originalmente composta como uma breve canção com letra de Ira Gershwin, irmão do compositor. A sua gravação em 1926, por Fred e Adele Astaire com George Gershwin ao piano, é hoje um registo de enorme relevo para a história da fonografia americana. A transcrição para piano hoje apresentada é da autoria do pianista Earl Wild.

Entre a nostalgia do século XIX e o sentido de russionismo transversal à sua obra, o piano é proeminente na música de **Sergei Rachmaninoff** (Oneg, 1873 — Beverly Hills, 1943). Os seis *Moments musicaux*, de 1896 — cujo título remete para os “momentos musicais” schubertianos —, têm o tom de desejo, urgência e nostalgia, bem como as dinâmicas de arrebatamento romântico que caracterizam, em boa medida, a produção de Rachmaninoff. Contava apenas 23 anos quando escreveu estas peças, mas nelas desenvolve plenamente o seu idioma virtuosístico e de grande intensidade emocional. Dedicadas ao compositor Aleksandr Zatayevich, pertencem a uma altura de grandes dificuldades financeiras, na sequência do fracasso da Sinfonia n.º 1 e de um anedótico assalto num comboio que deixara Rachmaninoff desfalcado. Além desta urgência material, escrever pequenas peças permitiu-lhe, paradoxalmente, aprofundar a exploração da sua linguagem. Cada momento musical remonta a formas características de épocas anteriores (nocturno, marcha fúnebre, cânone, canção sem palavras...) e, apesar da sua concepção conjunta, pode ser interpretado individualmente.

Este *Moment musical em Mi menor* (op. 16, n.º 4) — “Presto” — remete para os prelúdios e estudos de Chopin, e desenvolve-se sobre uma forma tripartida, a que acresce uma coda. À

introdução em *fortissimo* segue-se uma secção em *pianissimo*, onde se destacam as escalas na mão esquerda. A terceira secção, que precede a coda, revela enorme densidade e exigência técnica. O arrebatador *prestissimo* que fecha a peça retoma o som de “sinos”, num registo de repetição que lembra o Concerto para piano n.º 2 ou o Prelúdio em Dó sustenido menor (op. 3, n.º 2).

Os *Études-Tableaux* (op. 33 e op. 39) formam um ciclo de 17 peças para piano evocativas de imagens, cenas, quadros... O *Étude-tableau em Sol menor* (op. 33, n.º 8 — que se encontra em diversas edições como n.º 5 ou 7) ostenta uma simplicidade onírica, abrindo numa série de arpejos sobre um tema despojado que se desenvolve até um clímax cadencial em *fortissimo*, antes de retomar o carácter inicial.

*Polichinelle* (op. 3, n.º 4), por seu turno, integra os cinco *Morceaux de Fantaisie* de Rachmaninoff, compostos em 1892 e dedicados a Anton Arenski, seu professor de Harmonia. Tratando-se, na verdade, de uma peça de carácter, enleia-nos na *commedia dell'arte*. Oscilando entre as tonalidades de Fá sustenido menor e Lá maior, assenta numa forma ternária ABA que alberga uma secção lírica entre as duas partes extremas mais percussivas.

As *Variações sobre um tema de Corelli* (op. 42) foram a única obra destinada ao piano solo por Rachmaninoff depois da sua saída da Rússia, em 1917, nas vésperas da Revolução. Escrita no Verão de 1931, foi estreada em Montréal, em Outubro do mesmo ano. Justamente no início de 1931, o compositor fizera uma rara incursão no universo da política, tendo enviado, conjuntamente com Ivan Ostromislenski e o conde Ilya Tolstoi, uma carta para o *The New York Times* (publicada a 12 de Janeiro) onde criticava muitas das políticas soviéticas de então. O jornal moscovita *Vechernyaya*

*Moskva* responderia a preceito a 9 de Março e, durante os dois anos seguintes, o compositor viu a sua obra banida na URSS.

Desafiante, temperamental e introspectiva, esta peça reflecte, de algum modo, a melancolia de Rachmaninoff. Com muita auto-ironia, o próprio testemunha em correspondência com o seu compatriota Nikolay Medtner que, nos seus concertos, muitas vezes “saltava” algumas das variações quando ouvia o público a tossir, até porque se sentia também ele aborrecido enquanto tocava. A peça consiste em 20 variações sobre a melodia que Arcangelo Corelli havia usado na sua Sonata para violino “La Folia” (op. 5, n.º 12), em Ré menor. A Folia, que inspirou mais de uma centena de compositores (de Marin Marais a Vivaldi, de Salieri a Beethoven), é um tema estruturado sobre uma progressão harmónica e uma dança em jeito de sarabanda, que remonta ao final do Renascimento e que, na realidade, terá origem portuguesa ou, quando não, ibérica. Se as *Variações sobre um tema de Corelli* são dedicadas ao violinista Fritz Kreisler, que terá mostrado a Rachmaninoff a referida sonata, o próprio compositor tinha já incluído anos antes a *Rapsódia Espanhola* de Liszt no seu repertório de concerto, também ela versando sobre o tema da “Folia”.

Nesta obra está patente a clareza das texturas pianísticas, numa combinação entre as harmonias cromáticas e a precisão rítmica que antecipam a *Rapsódia sobre um tema de Paganini*: 24 variações para piano e orquestra, escritas três anos depois. Apesar de a obra se ir complexificando à medida que se desenvolve, o compositor mantém uma restrição, simplicidade e contenção que surpreendem por comparação ao arrebatamento habitual da sua linguagem. À semelhança das *Variações sobre um tema de Chopin*, escritas quase três

décadas antes, optou por dividir as secções em três grupos contrastantes: da variação I à variação XIII, sob o domínio da tonalidade de Ré menor; um “Intermezzo” que se liga com as variações XIV e XV, em que domina o Ré bemol maior; e, finalmente, de regresso a Ré menor, as últimas quatro variações e a coda.

Na apresentação do tema, o compositor revela, num delicado *cantabile* e com enorme clareza, o padrão repetitivo e cadencial original, criando uma série de ambientes contrastantes. A variação V, por exemplo, configura-se como enérgica e percussiva, onde o uso do *staccato*, bem como as mudanças métricas frequentes, são testemunho da permeabilidade às linguagens do século XX, patente igualmente em usos harmónicos inusitados ao longo da obra. As variações VIII e IX são, sobretudo, de carácter introspectivo, em contraponto com as variações X a XIII, impetuosas. Segue-se um “Intermezzo” em estilo improvisatório, inicialmente orientalizante, a um tempo brilhante e lírico. Na variação XIV, o tema surge no modo maior, com uma harmonização densa, numa expressividade onírica que subsiste ainda na variação XV. As últimas tornam-se mais vigorosas, explorando todos os registos do piano. A coda cromática e sombria, sobre um pedal grave, marca o final solene e resignado.

**Hopak** é a transcrição para piano de uma dança da ópera *A Feira de Sorochynskii*, a que **Modest Mussorgski** (Karevo, 1839 — São Petersburgo, 1881) se dedicou entre 1874 e 1880, mas que a sua morte deixaria incompleta. O conto de Nikolai Gogol que dá origem ao libreto é ambientado numa aldeia ucraniana no início do século XIX e envolve, com ligeireza, um homem que viaja com a filha e a esposa para uma feira onde pretende vender alguns dos seus pertences; um jovem cossaco que pede

a mão da filha em casamento; e... um demônio. A literatura assumiu, inegavelmente, um importante papel na inspiração da linguagem musical russa, nacionalista e telúrica, encabeçada pelo Grupo dos Cinco que Mussorgski integrava. *Hopak* ou *Gopak*, a partir de uma dança tradicional ucraniana, vigorosa e acrobática, cheia de saltos e corrupios, tornava-se assim uma das peças favoritas nos programas orquestrais na Rússia de então.

Apesar de o próprio Mussorgski ter feito uma transcrição para piano da peça, *Hopak* faz parte de uma série de arranjos e transcrições que Rachmaninoff empreendeu entre 1920 e 1921. A sua proposta distingue-se na elaboração harmónica e, nomeadamente, na alteração do final.

Tal como Mussorgski, **Mili Balakirev** (Nizhniy Novgorod, 1836 — São Petersburgo, 1910) era também membro do Grupo dos Cinco — de que faziam ainda parte Borodin, César Cui e Rimski-Korsakoff. Porventura uma das suas obras mais famosas, *Islamey, fantasia oriental* (op. 18) foi composta em 1869, entre Moscovo e São Petersburgo. Empenhado folclorista, Balakirev deu por si fascinado com a “natureza luxuriante” e com a música da região do Cáucaso, que visitou entre 1862 e 1868, e onde recolheu a melodia de uma dança conhecida como “Islamey”, base para o tema principal desta peça de pendor exótico. Já o segundo tema foi extraído entre os povos tártaros da Crimeia. A peça foi dedicada a Nicolai Rubinstein, que fez a sua estreia em São Petersburgo no final de 1869, e viria a ter uma segunda versão em 1902, com várias propostas de passagens alternativas, dada a sua dificuldade técnica.

*Islamey* estrutura-se tripartidamente: um “Allegro agitato”, que introduz o tema principal; um “Tranquillo — Andantino espressivo”, que

apresenta o segundo tema; e finalmente um “Allegro vivo — Presto furioso”, que regressa ao tema inicial. Peça de bravura de enorme desafio técnico, gozou inclusivamente do apreço de Franz Liszt, cuja influência é notória, e teve um sucesso que abriu as portas à música de Balakirev dentro e fora da Rússia.

ROSA PAULA ROCHA PINTO, 2024\*

---

A autora não aplica o Acordo Ortográfico de 1990.

## Olga Kern piano

Com uma presença vívida em palco, uma técnica deslumbrante e uma profunda musicalidade, Olga Kern é amplamente reconhecida com uma das grandes artistas da sua geração, cativando tanto o público, como a crítica. É Artista Steinway e embaixadora do piano Steinway Spirio.

A carreira de Kern nos Estados Unidos da América foi lançada em 2001, ao vencer a medalha de ouro no Prémio Internacional de Piano Van Cliburn — a única mulher a fazê-lo em cerca de 50 anos. Desde então, tocou com orquestras prestigiadas, entre elas as sinfónicas de St. Louis, Baltimore e Detroit, a Sinfónica Nacional de Washington, D.C., a Filarmónica Checa e a Filarmonica della Scala. Foi ainda muito bem-sucedida com a Sinfónica NHK de Tóquio, a Sinfónica de São Paulo, a Filarmónica de Estugarda e a Sinfónica de Pittsburgh. Foi solista em digressões muito aclamadas nos Estados Unidos, com a Royal Philharmonic Orchestra e a Royal Scottish National Orchestra, em 2018 e 2022. Protagonizou também recitais fascinantes em Savannah, Fort Worth e Minneapolis, na Polónia e na Suécia.

Na temporada de 2022/23, subiu ao palco com a Sinfónica de Dallas, a Orquestra do Minnesota, a Sinfónica de Baltimore, a Filarmónica de Gran Canaria, a Sinfónica Nacional da Irlanda e a Sinfónica do Colorado. Tocou em recital no Festival Beethoven do Minnesota e no Festival Internacional de Piano de Oeiras, bem como em Brno e Mariánské Lázně (República Checa), Virginia Beach, Chicago e São Francisco. Já a agenda para a temporada 2023/24 incluiu os quatro monumentais concertos de Rachmaninoff e a *Rapsódia sobre um tema de Paganini* com as sinfónicas de Austin e da Virgínia; um concerto de Ano Novo transmitido

a nível nacional, com a Filarmónica Checa; e digressões pela África do Sul e Ásia.

Olga Kern foi presidente do júri de vários concursos de alto nível, incluindo o seu próprio, o Concurso Internacional de Piano Olga Kern, do qual é diretora artística. Professora dedicada, ensina piano na Escola de Música de Manhattan desde 2017 e, em 2019, foi nomeada diretora de música de câmara *Connie e Marc Jacobson* no Festival de Artes da Virgínia. Criou também a *Aspiration*, uma fundação que presta assistência financeira a músicos de todo o mundo.

A sua aclamada discografia inclui obras de Tchaikovski, Rachmaninoff, Chopin, Brahms e Chostakovich.

**Operação Técnica** Victor Resende (palco)

## Próximos concertos

24.11 DOM 10:00, 11:30 E 16:00 SALA 2

### **Viva Vivaldi!**

serviço educativo | primeiros concertos

**Sofia Nereida** conceção artística, música e interpretação

**Flávio Aldo** e **Joana Pereira** interpretação

24.11 DOM 12:00 SALA SUGGIA

### **Sinfonia Patética**

**Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música**

**Stefan Blunier** direção musical

Concerto comentado por **Helena Marinho**

**Piotr Ilitch Tchaikovski** Sinfonia n.º 6, “Patética”

24.11 DOM 21:30 SALA SUGGIA

### **Orquestra Jazz de Matosinhos – Músicas Brasileiras, Músicos Portugueses**

**Zuza Homem de Mello** curadoria musical

**Pedro Guedes** direção musical

**Kiko Freitas** bateria

**Gabi Guedes** atabaques

26.11 TER 19:30 SALA 2

### **Quarteto de Cordas de Matosinhos**

obras de **Alberto Ginastera** e **Bedřich Smetana**

26.11 TER 21:00 SALA SUGGIA

### **Salvador Sobral**

promotor: Misty Fest

27.11 QUA 21:30 PALÁCIO DA BOLSA

### **Solistas do Coro Casa da Música**

obras de **Mittantier**, **Guillaume Costeley**, **Orlando di Lasso**, **Jacobus Clemens non Papa**,

**Claudin de Sermisy**, **Nobuaki Izawa** e **Jacques Arcadelt**

27.11 QUA 21:00 SALA SUGGIA

### **Go Go Penguin**

1.ª parte: **Dadu Matsiko**

promotor: Misty Fest

# ASSINATURAS 2025

GARANTA O SEU LUGAR  
E CELEBRE OS 20 ANOS  
DA CASA DA MÚSICA.



ORQUESTRA SINFÓNICA  
DO PORTO CASA DA MÚSICA

Série Clássica | Série Descobertas  
Fora de Série | Série Famílias  
Aniversário Orquestra sinfónica

REMIX ENSEMBLE CASA DA MÚSICA  
ORQUESTRA BARROCA CASA DA MÚSICA  
CORO CASA DA MÚSICA | CICLO PIANO  
GRANDES CONCERTOS DE TCHAIKOVSKI  
GRANDES CONCERTOS TRIPLOS  
ROMANTISMO NA MÚSICA  
CONCERTOS DE NATAL

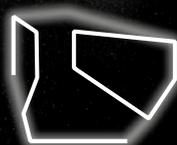
Disponíveis para venda a partir de 02.12

Período especial **Amigos da Casa**

18.11 a 24.11 período de renovação  
25.11 a 01.12 novas assinaturas

[casadamusica.com/assinaturas](http://casadamusica.com/assinaturas)  
+351 220 120 220

anos  
casa da música



APOIO INSTITUCIONAL



Porto.

MECENAS CASA DA MÚSICA



APOIO INSTITUCIONAL



MECENAS CASA DA MÚSICA

